

InFormAÇÃO

www.jnd.ifsp.edu.br

Av. Dr. Cavalcanti, N°396, Complexo Argos, Vila Arens – Jundiaí - SP – 13201-003 Tel: (11) 2448-8500

Esta edição homenageia Setembro Azul, mês da Comunidade Surda Brasileira.

Mês da Comunidade Surda Brasileira

Por Ana Gabriela Oliveira

Setembro é nacionalmente conhecido por ser o mês de preservação a vida (Setembro Amarelo), porém também é conhecido por ser o mês da visibilidade da Comunidade Surda Brasileira, logo, devemos dar uma atenção especial a esta causa, já que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é a segunda língua oficial do Brasil.

Para entender melhor a importância dessa visibilidade, é necessário voltar para meados de 1940, pois foi durante a Segunda Guerra Mundial que tudo começou, de modo que a cor azul se tornou um marco representativo na luta dos deficientes auditivos.

Durante a guerra, Hitler mandava os soldados amarrar fitas azuis nos braços de pessoas com deficiência auditiva, por serem considerados não pertencentes da “raça pura”, e desde então a cor azul significa a luta e a opressão sofrida nesse período.



O mês de setembro ganhou algumas datas importantes, como os dias 6 e 11 que marcam um evento muito triste na jornada da comunidade surda, porque foram nessas datas que ocorreu um congresso em Milão, evento este que proibiu o uso da língua de sinais, todos os participantes do congresso eram ouvintes e consideraram a língua de sinais incorreta, e foi em 10 de setembro de 2011 que foi declarada pela Associação de Surdos da Suécia o Dia Internacional das Línguas de sinais, uma data muito importante e significativa para os surdos.

No Brasil, o dia 27 de setembro é marcado pela criação da primeira escola para surdos, criada em 1857 por Eduardo Huet, que a convite de D. Pedro II, veio ao país para ensinar a língua. A instituição localiza-se no Rio de Janeiro e existe até hoje, tornando-se a Instituição Nacional de Educação dos Surdos (INES), que mantém o ensino e auxilia a formulação das políticas para deficientes auditivos. Além disso, a data 30 de setembro também é uma data importante pois comemora-se o Dia Internacional do Surdo e o Dia do Profissional Tradutor.

Refletindo sobre todas essas datas e a importância dessa causa, chegamos à conclusão que nós, ouvintes, temos uma função fundamental na luta pela acessibilidade pois muitas vezes os surdos passam despercebidos, quase invisíveis e é aí que se encontra o problema. “A deficiência não está na surdez, mas em quem se recusa a ouvir a voz dos surdos.” – Hand Talk.

A falta da acessibilidade limita e proíbe os surdos de usufruir alguns benefícios, do acesso à informação ou até mesmo de serviços essenciais. Muitos sites não contam com a tradução em LIBRAS, inúmeras escolas não contratam intérpretes para seus alunos surdos e diversas empresas evitam contratar deficientes auditivos por ser difícil a comunicação, com isso, percebemos que a deficiência está em tudo o que a gente faz que impede os surdos de aprenderem, consumirem e se divertirem.

Portanto, a luta pela acessibilidade é de todos nós e devemos dar voz para aqueles que muitas vezes são esquecidos pelo sistema.

Ensino Remoto para todos: Possibilidades metodológicas baseadas no Desenho Universal Para Aprendizagem

Por Julia Garcias

As bolsistas Júlia Garcias e Yara Oda e as voluntárias Karen Rezende e Maria Eduarda Raia, juntamente com a coordenadora Gabriela Alias e os colaboradores Ana Helena e Irando Martins, estão desenvolvendo um novo projeto de iniciação científica no IFSP - Câmpus Jundiaí, cujo objetivo é buscar sugestões de atividades que contemplem todos os estudantes no ensino remoto.

A pesquisa tem como objetivo sugerir práticas pedagógicas com base no Desenho Universal para Aprendizagem (DUA) e se baseia na compilação e análise da produção brasileira sobre o tema. Como produto, a ideia é elaborar um guia de possibilidades com diversos meios de representações, múltiplos meios de ações e envolvimento efetivo dos estudantes no processo de aprendizagem.

A cultura do cancelamento deve ser cancelada

Por Uma Redatora Inspirada

Diferente dos meus textos anteriores, vou começar com uma frase e peço que se atente a entendê-la. Um dia, Umberto Eco disse: “A internet deu voz a uma legião de imbecis, a partir do momento que a internet permite que todos tenham voz, permite que um grande número de imbecis tenha voz”. A cultura de cancelamento existe e não é de hoje. Antes era preciso uma carta para contrariar alguém. Hoje é muito fácil compartilhar seu pensamento, basta só clicar em “postar” e, em segundos, centenas de pessoas vão ter acesso. Tempos atrás, o que levava questão de dias para que o destinatário lesse aquela crítica ou ameaça, hoje ocorre em minutos. Dependendo do seu posicionamento relacionado a determinada causa, são centenas de mensagens com críticas, xingamentos e até mesmo ameaças.

Redes sociais são como vitrines de *shopping*: a todo momento há alguém te observando e comentando sobre você; muitos usam perfis falsos, se escondendo atrás de uma “máscara” e contribuindo para o crescimento da cultura do ódio. Muitos deixaram a Liberdade de Pensamento de lado com receio de serem linchados na internet. Percebe como algo que parecia inofensivo pode se tornar muito invasivo? Os usuários utilizam a liberdade de expressão como desculpa para justificar seus atos.



Em setembro, muitos se mobilizam na internet para falar sobre suicídio, por meio de palestras, debates, o que para mim em muitos casos é pura falsidade, pois passam o ano inteiro criticando, julgando, cancelando e usando a internet como sua máscara. Muitos suicídios acontecem por pressão e abusos de determinada pessoa está sofrendo, e isso, muitas vezes, tem origem na internet. Na minha opinião, o cancelamento deveria ser cancelado! Não devíamos cancelar pessoas, e sim suas atitudes! Quem nunca errou que atire a primeira pedra. A diferença é que existem pessoas que aprendem com os erros e outras que os ignoram. Uma vida de acertos não pode ser esquecida por um erro. Use sua liberdade de se expressar para o bem. Quando for fazer uma crítica, construa uma que seja construtiva! Setembro chegou, avalie suas atitudes do ano todo com seus colegas, amigos, pais e, antes de postar frases como: “Diga não ao suicídio”, não seja falso com você mesmo, tente mudar, perdoar e aprender.

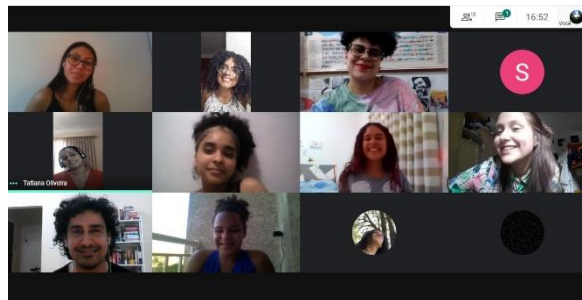
1º encontro *on-line* sobre os textos da autora Cristiane Sobral

Por Tatiana de Oliveira

Com o intuito de promover a visibilidade e a valorização da literatura escrita por mulheres negras e indígenas, o Projeto de Ensino “Olhando através do ponto cego da história: o tempo em que vivemos sob a perspectiva de escritoras negras e indígenas” realizou, no dia 11 de setembro, seu 1º Encontro Literário *on-line*. Na roda de conversa, como provocação ao diálogo, estavam o conto *Pixaim* e o poema *Petardo*, do livro *Só por Hoje Vou Deixar Meu Cabelo em Paz*, da escritora Cristiane Sobral.

A autora escolhida é uma mulher negra, atriz, escritora, dramaturga e poeta, nascida na zona oeste do Rio de Janeiro e com residência atual em Brasília. Possui longa trajetória de estudo e produção artística, sendo atualmente um dos grandes nomes da geração de escritoras brasileiras.

O diálogo sobre os textos teve duração de 1 hora e 30 minutos e contou com a presença de estudantes e docentes do IFSP dos Câmpus Jundiaí e São Miguel Paulista.



A conversa foi recheada de percepções e reflexões sobre os textos, sendo seus sentidos literários, estéticos e políticos ressaltados durante a discussão. Ocorreram também momentos de compartilhamento de experiências pessoais, que surgiram por meio da identificação com o conteúdo abordado pela autora. Foi um momento muito rico, marcado por um dos temas urgentes deste tempo em que vivemos: o racismo estrutural e a necessidade de sua superação.

Coordenado pela professora Tatiana de Oliveira e pelas alunas Mayra de Oliveira, Isabelli Alves, Karen Rezende e Maria Eduarda Raia, o Projeto segue com novas leituras e planeja fazer o próximo encontro literário no dia 02/10/2020 às 15h, quando teremos como foco a escritora indígena Eliane Potiguara.

Toda a comunidade do câmpus está convidada a participar!

Coisa Mais Linda

Por Nicolý

“Coisa Mais Linda” é uma série brasileira do gênero “Obra de Época”, criada por Giuliano Cedroni e Heather Roth e dirigida por Caito Ortiz. Foi lançada no dia 22 de março de 2019 e exibida pelo serviço de streaming Netflix. A história da série ocorre entre os anos de 1950 e 1960 no Brasil, mais especificamente, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Na primeira temporada, a história aborda a vida de uma paulistana chamada Maria Luiza, que se muda para o Rio de Janeiro para abrir um restaurante com seu marido. Porém, ela descobre que ele rouba todo o seu dinheiro e foge. Após esse acontecimento, Maria conhece Adélia e Thereza, e decide realizar o seu sonho: abrir um Clube de Música.

Mesmo não sendo baseada em fatos reais, a série mostra a realidade sobre a luta das mulheres contra o machismo, a desvalorização da mulher no trabalho e o preconceito vivido por elas na época. Por outro lado, retrata a persistência e superação de cada personagem. Apesar do roteiro ser simples, o enredo nos traz várias emoções, principalmente por meio das músicas e da atuação dos personagens. A história nos dá uma lição sobre nunca desistir e sobre lutar pelo que realmente queremos e amamos.



Vivências Pandêmicas

Por Paula Lúcio

Vivências Pandêmicas é um projeto de iniciação científica que funciona como espaço de pesquisa, de reflexão e de produção artístico-cultural sobre os impactos da pandemia do COVID-19 na vida de mães, trabalhadores(as) do *delivery* e trabalhadores(as) da saúde. Sob a orientação de Gabriela Montez e Adriana Fernandes, a ação busca potencializar o “cuidado de si” e a “imaginação sociológica”, instigando a análise não apenas individual, mas também coletiva da contemporaneidade.

Sob outro prisma, convém ressaltar que o projeto foi baseado em uma outra proposta, o Diário Pandêmico IFSP, voltada à divulgação das experiências pessoais dos(as) alunos(as) do IFSP Jundiáí durante a quarentena. Após o recebimento dos relatos no e-mail, as coordenadoras e os(as) voluntários(as) do projeto os publicam na página do Instagram, além de diversos outros conteúdos relacionados ao tema.

Gostou da iniciativa? Se sim, não perca tempo! Envie sua(s) experiência(s) no e-mail diariopandemicocampusjundiai@gmail.com e acompanhe mais novidades no nosso Instagram @diariopandemicofsp.

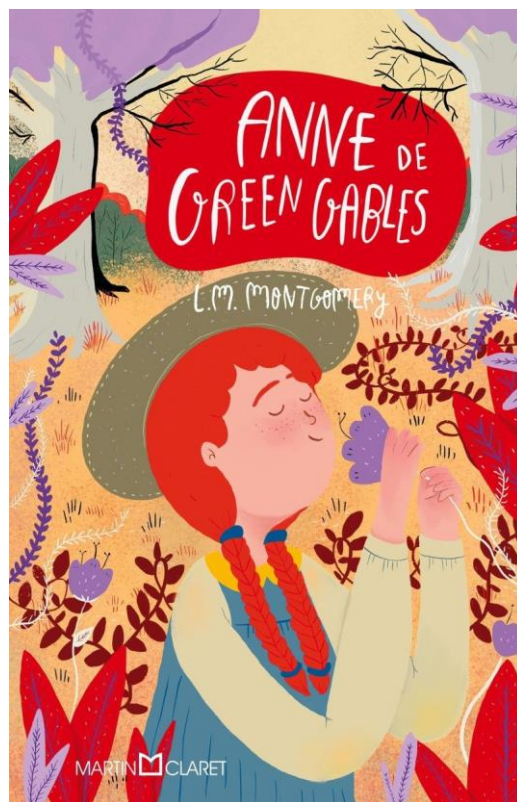


Anne dos livros ou das telas?

Por Garota do Cabelo Azul

O livro “Anne de Green Gables”, publicado em 1908 pela autora Lucy Maud Montgomery, conta a história de uma garotinha órfã de onze anos chamada Anne Shirley, que é adotada pelos irmãos Matthew e Marilla Cuthbert. Após a adoção, Anne é levada para Green Gables, a pequena fazenda dos Cuthbert, o que estimula a imaginação da pequena menina falante. Com uma nova vida pela frente, várias aventuras aguardam a garotinha ruiva que chega para alegrar a pacata Ilha do Príncipe Eduardo no Canadá.

A obra faz parte de uma saga de 6 livros, que abordam a vida e o crescimento pessoal de Anne. Tais livros fizeram tanto sucesso que, posteriormente, tiveram mais duas continuações, dessa vez sobre os filhos de Anne e seu marido.



Em 2017, a diretora Moira Walley-Beckett lançou, em parceria com a Netflix, a série “Anne with an E”, ou, aqui no Brasil, “Anne com E”, baseada nos livros de Lucy Maud Montgomery. A série teve uma grande repercussão, contando com a atriz Amybeth McNulty no papel da protagonista, porém, no ano de 2019, ao lançarem a terceira temporada do seriado, foi divulgado seu cancelamento.

Atualmente, no ano de 2020, os fãs continuam promovendo eventos, manifestos e criando petições para que haja o retorno da série, no entanto, ainda não existem informações com fontes confiáveis de que a produção será retomada.

Um fato que intriga os fãs da série são as diferenças entre o livro e o seriado. Afinal, se eu posso assistir, para que ler? Dentre as principais diferenças, o avanço temporal se destaca, visto que foram necessárias quatro temporadas para registrar os acontecimentos de cinco anos, decorrentes no primeiro livro. Ademais, muitos personagens do livro foram cortados da série e outros que não existiam no âmbito literário foram adicionados às telas.

Desse modo, pode-se dizer que, por mais que exista o seriado, isso não anula a mágica da experiência de ler os livros, pois há várias distinções em questão. Se você, caro leitor, tiver interesse, não desista da leitura, afinal, ela pode te proporcionar uma nova perspectiva de uma história incrível. Por fim, se você quer um livro que te faça relaxar e valorizar as pequenas coisas da vida, eu indico Anne de Green Gables.



Em memória a Chadwick Boseman

Por Karen Rezende

Chadwick Aaron Boseman nasceu em 29 de novembro de 1976, em Anderson, na Carolina do Sul, Estados Unidos. Após se formar no ensino médio, Chadwick deu continuidade aos estudos cursando artes plásticas na Universidade de Howard. Durante esse período, Chadwick foi aceito para participar de um programa de verão para atores, na faculdade de Oxford, em Londres, na Inglaterra, no entanto, não tinha dinheiro para arcar com os custos. Uma de suas professoras, Phylicia Rashad, que é da indústria cinematográfica, pediu uma ajuda de custos para personalidades de Hollywood e, assim, Boseman pôde ir estudar. Quando voltou, descobriu que quem havia custeado seus estudos no programa de Oxford foi o ator Denzel Washington. Décadas depois, o ator pôde agradecer a ajuda em seu discurso no American Film Institute Awards, dizendo *"there's no Black Panther without Denzel Washington"* (em Português: "não existiria Pantera Negra sem Denzel Washington").

Seus primeiros papéis em produções de destaque foram em séries como *Third Watch*, *Law & Order* e *CSI*. Em 2013, Chadwick conseguiu o papel que decolou sua carreira, como o protagonista do filme *42*. No entanto, foi em 2016 que o ator conseguiu o papel de maior destaque, o herói Pantera Negra, que Chadwick interpretou em *Capitão América: Guerra Civil*, em 2016, *Pantera Negra* e *Vingadores: Guerra Infinita*, em 2018 e em *Vingadores: Ultimato*, em 2019. Além de ator, Boseman também era diretor e roteirista, e dava aulas de teatro para crianças.

No ano de 2016, Chad descobriu um câncer de cólon, em estágio 3, que preferiu não divulgar para a mídia, e iniciou os tratamentos de quimioterapia, que realizava nos intervalos de suas filmagens. Mesmo com os cuidados, o câncer evoluiu para o estágio 4, até que no dia 28 de agosto, em Los Angeles, na Califórnia, Estados Unidos, Chadwick veio a falecer, em decorrência da doença. Segundo uma postagem de sua equipe no Instagram do ator, ele morreu em casa, ao lado de sua esposa e família.

Mesmo quando estava doente, o ator não se deixou abalar e entregou seu melhor, além de ajudar pessoas que passavam pelo mesmo que ele. Boseman deixa um enorme legado de resistência. Seus trabalhos, principalmente em *Pantera Negra*, inspiraram muitas pessoas e foram um grande marco na indústria. Sua força, seu carisma e seu talento sempre serão lembrados. Chad abriu caminho para muitas pessoas, empoderando e retratando o povo negro como verdadeiros reis, dentro e fora das telas. Que o que ele iniciou reverbera e dê ainda mais frutos.

Descanse em Poder, Chadwick.

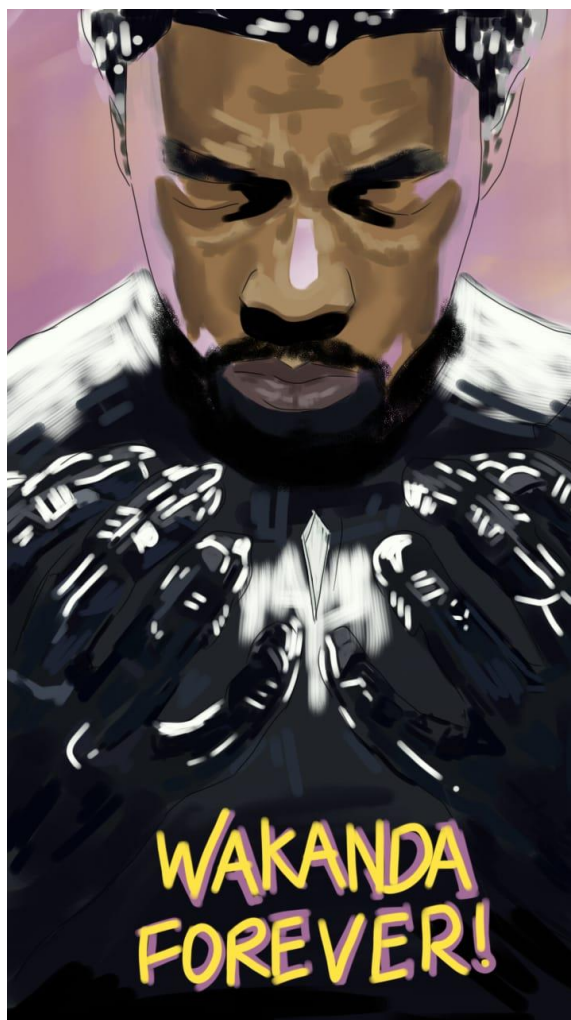


Ilustração por Murilo Donizeti

EXPEDIENTE

Editoração/Revisão: Adriana Fernandes, Gabriela Alias e Ana Helena Fiamengui. **Diagramação:** Karen Rezende

Jornal desenvolvido por alunos do ensino médio integrado ao técnico em logística do Instituto Federal de São Paulo – Câmpus Avançado Jundiáí.